

nha militarista, sem o que, tudo que se fizer, são remendos e mészinhas que apenas ocultam o mal.

Palavras... Palavras... A *Aurora*, (de 11-2-917) insere um manifesto publicado em França, não sabemos quando, e assinado por 22 nomes de anarquistas ortodoxos, no qual se pretende estabelecer como se deve impor a *paz pelos povos*, palavras estas que são o título do manifesto e que indicam o seu objectivo.

Quasi todo o manifesto é consagrado a estabelecer as responsabilidades de todos ou quasi todos os beligerantes, com os argumentos já de ha muito conhecidos. Sôbre o assunto capital do manifesto, limitam-se os signatarios a proclamar a necessidade dum congresso mundial operário, afim de «exigir a cessação das hostilidades e o desarmamento *imediat*o e *definitivo* das nações», além de outras resoluções para garantir a paz futura. E termina com o costumado apêlo a todos os oprimidos para a implantação do reinado da justiça.

Quere-nos parecer que este manifesto tem, de existencia um ano ou pouco menos, pois que além de nos lembrarmos vagamente de o termos lido, refere-se êle á conferencia de Zimmerwald, como uma coisa de grande alcance e não fala da de Quiental, que nos veio mostrar, como tudo o mais que se tem passado, a ilusão em que vivem os revolucionarios ortodoxos, esperando a salvação do mundo, da revolução realizada por aqueles que nada puderam fazer em melhores condições que presentemente.

E' a metafisica de sempre, a fé nos golpes de mão, a crença na deusa Revolução, no milagre insurreccional, na capacidade organizadora adquirida como por encanto, no poder magico das palavras, em tudo emfim, que foi em grande parte, a causa da impotencia, da inacção, da falencia revolucionaria para impedir a guerra.

Não ha meio de os acontecimentos, de a dolorosa experiencia ensinar alguma coisa aos ortodoxos. Perguntase-lhes como se consegue a paz que desejam e respondem sempre com palavras, com as palavras de indignação contra os opressores ou de apêlo aos oprimidos e mais nada.

E' assim que responde, no *Réveil*, de Genebra, (27-1-917) um revolucionario á pergunta feita pela *Libre Fédération*, de Lausanne. Gasta quasi todo o artigo com

a questão das responsabilidades de todos e respectivas ambições e trata do assunto, «a paz que nós queremos» — em dez linhas, dizendo que a paz imediata, não importa como, será proveitosa para a humanidade, que devemos retomar a luta pela libertação e gritar mais que nunca: abaixo a guerra e venha a revolução!

E não ha maneira de nos dizerem outra coisa! A paz pelos povos, a cessação imediata das hostilidades, os congressos mundiais, a revolução, etc., tudo isso é belo e generoso. Mas *como* se consegue ou, pelo menos, como se caminha para lá? *Como* se faz tudo isso?

Vêm os efeitos nulos ou quasi de Zimmwald, de Quiental, do Ferrol, e de tantas outras tentativas, e não querem ver que deve existir uma causa ou mais para que isso aconteça; que o que ha a fazer é estudar essas causas e procurar o remedio, que não consiste, que não pode consistir na repetição de estafadas indignações e apêlos, dos quais os opressores se riem por saberem que tudo isso é esteril agitação de palavras, em nada mudando a situação dos oprimidos.

Pois continue-se assim e ver-se-á onde vamos todos parar!

A questão do pão Tende a agravar-se, ao que parece. Não deu resultado a experiencia de dezembro — pão de trigo com mistura de farinha de milho branco: mistura de toda a potreira que á Moagem se deteriora nos seus enormes armazens de legumes de toda a especie, lhe chamou alguém; e isto a propria moagem o confirma quando, em comunicado ao público, se refere aos residuos que entram hoje na composição do pão de 9 cts.

Não deu resultado; mas no mês de janeiro tivemos nova experiencia: tipo de pão entre o de 9 cts. e o de 30 cts., ao preço de 14 cts; e já neste mês de fevereiro a Lisboa foi dado um arremedo de tipo unico. Porquê só á capital? O govêrno o sabe, se é que não anda ás aranhas, tão afeiçoado o vemos ao comércio com êstes aracnideos.

Em resumo: continuamos muito longe de nos ser dado o que, segundo o sr. industrial Castanheira de Moura, nos pertence e havemos de ter, custe o que custar: — pão bom e barato.